



**TENSÃO COM A UCRÂNIA /** Moscou anuncia que a desmobilização na fronteira começa hoje, num aparente gesto de distensão com o Ocidente, que vem reagindo com fortes críticas à mobilização. Washington externa ceticismo

# Tropas russas em retirada

o fim de exercícios militares na península da Crimeia, Moscou anunciou, ontem, que vai iniciar o processo de retirada de suas tropas das proximidades da fronteira com a Ucrânia, numa demonstração de aparente distensão. Em outro aceno, o presidente russo, Vladimir Putin, disse estar disposto a receber “a qualquer momento” seu homólogo ucraniano, Volodymyr Zelensky, para abordar as relações bilaterais. A situação vem provocando grande preocupação da comunidade internacional.

O líder russo sinalizou que, se quiser falar sobre o conflito entre as forças ucranianas e os separatistas pró-russos no leste da Ucrânia, deverá procurar os líderes das duas repúblicas autoproclamadas pelos rebeldes (Donetsk e Lugansk). A presença de dezenas de milhares de soldados perto da fronteira com a Ucrânia — que luta contra separatistas pró-russos no leste — alimentou as tensões e as críticas recíprocas entre Moscou, de um lado, e o Ocidente e a própria Ucrânia, de outro.

Em resposta à Rússia, os Estados Unidos externaram ceticismo, dizendo esperar “ações” e não “palavras”. O porta-voz da diplomacia americana, Ned Price, assinalou que Washington continuará “vigilando a situação de perto”, em coordenação estreita com as autoridades ucranianas e outros aliados dos Estados Unidos. “Vamos nos assegurar de que a Rússia vai até o fim do seu compromisso”, acrescentou Price.

A Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) foi notificada do anúncio da retirada dos soldados russos, mas, a exemplo de Washington, assumiu que permanecerá vigilante.

## Elogio

Horas antes do anúncio, o presidente ucraniano elogiou a retirada das tropas russas reunidas perto de seu país, assinalando que a iniciativa leva a uma redução proporcional da tensão. “A Ucrânia continua vigilante, mas fica feliz com qualquer medida que possa reduzir a presença militar”, tuitou Volodymyr Zelensky. Kiev expressou o medo de uma

Vadim Savitsky/AFP



Sergei Shoigu (C), ministro russo da Defesa, supervisiona as manobras na península da Crimeia, com a participação de aproximadamente 10 mil militares

Vadim Savitsky/AFP



Soldados desembarcam em praia: exercícios simularam suporte a uma operação de invasão anfíbia

invasão russa. Moscou afirma que não ameaça ninguém e denuncia provocações ucranianas e as atividades “ameaçadoras” da Otan em suas fronteiras.

“As tropas demonstraram sua capacidade de garantir uma defesa confiável”, afirmou o ministro da Defesa, Serguei Shoigu, em um comunicado. Shoigu supervisionou pessoalmente as manobras na Crimeia, anexada à Rússia em 2014. O exercício contou com a participação de apro-

ximadamente 10 mil soldados, 40 navios, defesa antiaérea e tropas aerotransportadas, que simularam suporte a uma operação de invasão anfíbia.

A nota divulgada por Shoigu destaca que, após três semanas de manobras, as tropas devem começar a retornar às suas bases permanentes a partir de hoje. O processo será concluído até 1º de maio.

Nos últimos dias, Moscou intensificou os exercícios no Mar

Negro e na Crimeia, depois de mobilizar dezenas de milhares de militares na fronteira com a Ucrânia, país com o qual mantém relações tensas há sete anos.

O governo de Vladimir Putin também limitou por seis meses a navegação dos navios militares e oficiais estrangeiros em três regiões na costa da Crimeia, especialmente em torno da Península de Kerch. A região é considerada muito problemática pela sua proximidade com o Estreito de Kerch, que une o Mar Negro ao Mar de Azov, de importância crucial para as exportações de cereais e de aço produzidos na Ucrânia. Essas restrições foram classificadas como uma “escalada” por Washington.

Na quarta-feira, em seu discurso anual sobre o estado da nação, Vladimir Putin fez um alerta ao Ocidente. “Os organizadores de provocações que ameaçarem nossa segurança lamentarão como nunca tiveram que lamentar qualquer coisa”, afirmou o líder russo. “Espero que ninguém tenha a ideia de ultrapassar a linha vermelha com a Rússia”, insistiu, antes de prometer uma resposta “assimétrica, rápida e dura”.

## Conflito

Apesar da redução das tensões na retirada das tropas russas perto da fronteira com a Ucrânia, o conflito entre Kiev e os separatistas pró-russos no leste do país continua, deixando dezenas de mortos desde janeiro.

Pouco antes do anúncio do fim das manobras russas, militares ucranianos perto da cidade de Pisky, na periferia de Donetsk, um dos feudos dos separatistas pró-russos, expressaram suas dúvidas de que o conflito pudesse ser resolvido com o diálogo.

“É um beco sem saída, ninguém quer resolver o conflito pela via diplomática, mas também ninguém quer a guerra”, disse o militar Kirilo, de 35 anos, ouvido pela agência de notícias France-Presse. Ele expressou o desejo de que seu país, a Ucrânia, una-se à Aliança Atlântica. “Se nos juntarmos à Otan, a Rússia estará cercada pela aliança em todos os lados e não poderá fazer nada”, acrescentou outro soldado, que responde ao nome de Joker, 24 anos. Desde 2014, o conflito no leste da Ucrânia deixou mais de 13 mil mortos.

**A Ucrânia continua vigilante, mas fica feliz com qualquer medida que possa reduzir a presença militar”**

Volodymyr Zelensky, presidente ucraniano

## Saúde em risco

Os médicos do opositor russo Alexei Navalny exigiram, ontem, que ele interrompa, o quanto antes, a greve de fome iniciada em 31 de março, em protesto contra as condições de sua prisão. “A manutenção do jejum pode prejudicar consideravelmente a saúde de Alexei Navalny e levar ao resultado mais triste: a morte”, enfatizou um comunicado assinado, entre outros, pelo cardiologista Yaroslav Ashijmin.

Os especialistas informaram que tiveram acesso aos resultados de exames feitos em Navalny desde sua transferência no começo da semana a um hospital para presos com tuberculose. Segundo eles, o principal adversário de Vladimir Putin apresenta “sinais de insuficiência renal, sintomas neurológicos graves e de hiponatremia grave”, que podem provocar doenças mais graves.

“Se a greve de fome continuar, inclusive por pouco tempo, infelizmente não teremos ninguém a quem curar”, alertaram os médicos, pedindo às autoridades para transferir Navalny para um hospital em Moscou, onde possa receber “cuidados adequados”.

O líder opositor, 44 anos, está em um centro em Vladimir, 180km ao leste da capital russa, na mesma região da colônia penitenciária de Pokrov, onde estava preso desde janeiro. O ativista foi detido ao retornar à Rússia após passar cinco meses na Alemanha se recuperando de um envenenamento que atribuiu ao Kremlin. Moscou nega as acusações.

## ARMÊNIA

# Biden deve reconhecer que houve genocídio

O democrata Joe Biden deve se tornar o primeiro presidente dos Estados Unidos a chamar explicitamente de genocídio o massacre de 1,5 milhão de armênios pelo Império Otomano. A expectativa é a de que isso ocorra em um anúncio formal, amanhã, data do 106º aniversário do início das mortes. O gesto, se confirmado, pode deteriorar ainda mais as tensas relações dos EUA com a Turquia.

Aliado da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), o governo turco refuta com veemência essa designação, que já

foi reconhecida por cerca de 30 países, incluindo França e Rússia. Antecipando-se à possível manifestação de Biden, o presidente Recep Tayyip Erdogan fez um alerta aos que propagam essa versão. O líder turco declarou que continuará a “defender a verdade contra aqueles que apoiam a mentira do chamado ‘genocídio armênio’ para fins políticos”.

Os planos de Biden, revelados pelos jornais americanos *The New York Times* e *The Wall Street Journal*, não foram contestados pela Casa Branca. “Há muito interesse nesse assunto, mas não vou

falar antes do presidente e não tenho mais nada a contribuir”, desconvosou Jen Psaki, porta-voz do presidente americano.

“Soube que o presidente Biden pretende que os Estados Unidos reconheçam o genocídio armênio”, confirmou, por sua vez, o líder da maioria democrata no Senado, Chuck Schumer. O Congresso americano reconheceu formalmente os massacres como genocídio em dezembro de 2019 em uma votação simbólica.

As informações da imprensa aparecem depois que cem congressistas pediram a Biden, em

Adem Altan/AFP



Iniciativa do presidente dos Estados Unidos vai colocá-lo em rota de colisão com o líder turco, Recep Tayyip Erdogan (foto), que rejeita essa denominação

uma carta, que cumpra com a promessa eleitoral de reconhecer o genocídio armênio. “O vergonhoso silêncio do governo dos Estados Unidos com relação ao fato histórico do genocídio armênio tem sido mantido por tempo demais e deve acabar”, diz um trecho do documento.

Segundo as estimativas, entre

1,2 e 1,5 milhão de armênios foram mortos durante a Primeira Guerra Mundial por tropas do Império Otomano, então aliado da Alemanha e da Áustria-Hungria. O massacre começou em 24 de abril, quando as forças otomanas combatiam a Rússia czarista na região onde hoje fica a Armênia.

Ancara evoca massacres recí-

procos com um fundo de guerra civil e fome que deixou centenas de milhares de mortos dos dois lados. Depois que o Parlamento holandês aprovou uma moção, em fevereiro, instando o governo a reconhecer o genocídio, o governo de Erdogan disse que a medida “buscava reescrever a história com base em motivações políticas”.

Recentemente, o ministro turco das Relações Exteriores, Mevlut Cavusoglu, disse, em entrevista, que “declarações que não são legalmente vinculantes não trarão benefícios, mas prejudicarão os laços”. E advertiu: “Se os Estados Unidos quiserem piorar os laços, a decisão é sua”.